

ESTRATÉGIAS PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL DE ADULTOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Ana Carla Vieira Ottoni,¹ Ana Cláudia Bortolozzi,² Maria Teresa Vilaça,³
Andreza Marques de Castro Leão⁴

STRATEGIES FOR SEXUAL EDUCATION OF ADULTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

ESTRATEGIAS DE EDUCACIÓN SEXUAL DE ADULTOS CON TRASTORNO
DEL ESPECTRO AUTISTA

Resumo: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurobiológica centrada em duas características: comportamentos, interesses ou movimentos restritos e repetitivos; e déficits na comunicação social. A literatura da área demonstra que, em todos os espectros, observa-se privação de direitos sexuais básicos, como acesso à privacidade, à informação científica e à educação sexual adequada, gerando sofrimentos e vulnerabilidade acentuada com relação a violências. Objetivo: o objetivo do trabalho foi descrever possíveis estratégias para promoção de educação sexual de adultos autistas, a partir das dificuldades documentadas pelo próprio público-alvo. Método: sendo um estudo documental, propôs-se análise do livro *Autism-Asperger's & Sexuality: puberty and beyond*, escrito pelo notável militante autista Jerry Newport, em coautoria com sua esposa, Mary. Foram destacados, da obra, trechos com demandas relacionadas à sexualidade, e a partir da literatura de educação sexual emancipatória, construída uma lista de possíveis estratégias para programas voltados a adultos autistas. Resultados: considerando as características do TEA, optou-se por ações com características visuais, claras, cujas linguagens fossem diretas e pouco metafóricas, focadas em repertórios diversos, e baseadas na constante reavaliação de necessidades, bem como no cuidado com a imposição da norma neurotípica hegemônica. Conclusões: concluiu-se que, embora os trabalhos teóricos e críticos sobre o assunto sejam crescentes, persiste a necessidade de avançar em termos práticos, e o presente artigo pode ter contribuído, com ideias iniciais neste sentido. Sugere-se que pesquisas futuras apliquem e documentem programas e ações de educação sexual para pessoas autistas, expandam as análises a outros espectros e faixas etárias variadas.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista; educação sexual; sexualidade; pesquisa qualitativa.

Abstract: Autistic Spectrum Disorder (ASD) is a neurobiological condition centered on two characteristics: restricted and repetitive behaviors, interests or movements; and deficits in the social communication. The literature in the area demonstrates that, in all spectra, there is a deprivation of basic sexual rights, such as access to privacy, scientific information and adequate sex education, generating suffering and marked vulnerability in relation to violence. Goals: The objective of the work was to describe possible strategies for promoting sexual education for autistic adults, based on the difficulties documented by the target audience itself. Method: As a documentary study, an analysis of the book "Autism-Asperger's & Sexuality: puberty and beyond" was proposed, written by the notable autistic militant Jerry

¹ Psicóloga, mestra e doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/Bauru), integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade, Educação e Cultura (GEPESSEC). E-mail: ottonianavieiraottoni@gmail.com

² Psicóloga, mestra em Educação Especial e doutora em Educação. Livre docente em Educação Sexual, Inclusão e Desenvolvimento Humano. Docente junto ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/Bauru). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade, Educação e Cultura (GEPESSEC) e Laboratório de Ensino e Pesquisa em Sexualidade Humana (LASEX). E-mail: claudia.bortolozzi@unesp.br

³ Mestra em Ciências. Doutora em Educação. Docente no Departamento de Estudos Integrados em Literacia, Didática e Supervisão, Instituto de Educação. Universidade do Minho (UMinho), campus de Braga, Portugal. E-mail: tvilaca@ie.uminho.pt

⁴ Pedagoga e fonoaudióloga, mestra em Educação Especial e doutora em Educação Escolar. Docente do Departamento de Psicologia da Educação e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP, FCLAr). E-mail: andreza.leao@unesp.br

Newport, co-authored with his wife, Mary. From the work, excerpts with demands related to sexuality were highlighted, and from the emancipatory sexual education literature, a list of possible strategies for program aimed at autistic adults was built. Analysis: Considering the characteristics of TEA, we opted for actions with clear, visual characteristics, whose languages were direct and little metaphorical, focused on diverse repertoires, and based on the constant reevaluation of needs, as well as on the care with the imposition of the hegemonic neurotypic norm. Conclusions: It was concluded that, although the theoretical and critical works on the subject are growing, the need to advance in practical terms persists, and the present article may have contributed, with initial ideas, in this sense. It is suggested that future research apply and document sexual education programs and actions for autistic people, expand the analysis to other spectra of TEA, and varied age groups.

Keywords: autism spectrum disorder; sex education; sexuality; qualitative research.

Resumen: El trastorno del espectro autista (TEA) es una condición neurobiológica centrada en dos características: conductas, intereses o movimientos restringidos y repetitivos; y déficits en la comunicación social. La literatura en la zona demuestra que, en todos los espectros, existe una privación de derechos sexuales básicos, como el acceso a la privacidad, información científica y educación sexual adecuada, generando sufrimiento y marcada vulnerabilidad en relación a la violencia. Objetivo: El objetivo del trabajo fue describir posibles estrategias para promover la educación sexual de adultos autistas, a partir de las dificultades documentadas por el propio público. Método: Como estudio documental, se propuso un análisis del libro "Autismo-Asperger y sexualidad: pubertad y más allá", escrito por el notable militante autista Jerry Newport, en coautoría con su esposa, Mary. Del trabajo se destacaron extractos con demandas relacionadas con la sexualidad y de la literatura de educación sexual emancipadora se construyó una lista de posibles estrategias para programas dirigidos a adultos autistas. Resultados: Considerando las características de la TEA, optamos por acciones con características visuales claras, cuyos lenguajes eran directos y poco metafóricos, enfocados a repertorios diversos, y basados en la constante reevaluación de necesidades, así como en el cuidado con la imposición de la norma neurotípica hegemónica. Conclusiones: Se concluyó que, si bien los trabajos teóricos y críticos sobre el tema están creciendo, persiste la necesidad de avanzar en términos prácticos, y el presente artículo puede haber aportado, con ideas iniciales, en este sentido. Se sugiere que las investigaciones futuras apliquen y documenten programas y acciones de educación sexual para personas autistas, amplíen el análisis a otros espectros de TEA y grupos de edad variados.

Palavras chave: transtorno del espectro autista; educación sexual; sexualidade; investigación cualitativa.

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de neurodesenvolvimento, cujos impactos centrais no repertório das pessoas diagnosticadas envolvem déficits na comunicação social e interesses, comportamentos ou movimentos restritos e repetitivos. Observa-se também aspectos como hipersensibilidades sensoriais, problemáticas relacionadas ao sono ou alimentação, rigidez sobre hábitos e rotinas e comportamentos motores atípicos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Estudo em 11 centros dos Estados Unidos da América (EUA) indica a proporção média de uma criança autista a cada 54 neurotípicas (18.5 por 1,000) (BAIO et al., 2020), mas não há consenso sobre dados epidemiológicos, exceto acerca do aumento crescente de diagnósticos (SOLOMON, 2013).

Dentre as inúmeras adversidades descritas pelas pessoas com TEA e seus familiares, relacionadas ao mercado de trabalho, ao contexto escolar e acadêmico, psiquiátrico e de participação social, nota-se a sexualidade e educação sexual como demandas fundamentais (NASCIMENTO;

BRUNS, 2019). Parte-se do princípio de que sexualidade seria uma dimensão ampla, complexa, histórica, social, cultural, biológica e psicológica, presente no desenvolvimento humano desde seu início. Nesse sentido, a educação sexual poderia ser definida como um processo educativo, formal ou informal, intencional ou não, por meio do qual os seres humanos aprendem sobre sexualidade ao longo de sua vida (MAIA; RIBEIRO, 2011).

A educação sexual de pessoas com TEA tem sido relatada como essencialmente informal, sendo a maior parte do acesso a conhecimentos por meio de fontes midiáticas e pornográficas, ou mecanismos de pesquisa *on-line*, como o Google (BROWN-LAVOIE; VIECILI; WEISS, 2014). No caso da educação sexual mediada, os dados indicam que familiares e profissionais – psicólogos, médicos, fonoaudiólogos – são presentes e significativos, mas relatam sentirem-se despreparados e reproduzirem o aprendizado que tiveram, principalmente por meio do silenciamento ou repressão do assunto (AMARAL, 2009; NASCIMENTO; BRUNS, 2019).

A literatura tem apontado que pessoas com TEA são incluídas em altos índices de vitimização para violências

sexuais, especialmente em decorrência de suas características comunicacionais (PECORA et al., 2020) e pouco acesso à educação sexual de qualidade (SOLOMON; PANTALONE; FAJA, 2019). Seus direitos sexuais vêm sendo continuamente ignorados, especialmente com relação ao acesso informacional adequado sobre o assunto (BRASIL, 2015), e há inúmeros relatos sobre dificuldades e sofrimentos nas vivências particulares, que também poderiam ser amenizadas em um processo de aprendizagem e escuta organizado para tal finalidade (SALA; HOOLEY; STOKES, 2020). Considerando este contexto, o objetivo do estudo foi descrever possíveis estratégias para promoção de educação sexual de adultos com TEA, a partir das dificuldades documentadas pelo próprio público-alvo.

Método

Trata-se de uma pesquisa documental, na qual foram reunidos materiais de interesse, de acordo com o objetivo estabelecido para o estudo, e realizadas análises qualitativas sobre eles (GIL, 2019). Optou-se pela seleção de documentação na qual pessoas com TEA relatassem, em primeira pessoa, suas vivências em sexualidade e educação sexual, respeitando os princípios de representatividade e autoadvocacia (LINDOLPHO et al., 2020; SOUZA, 2016). O foco do trabalho foi em pessoas autistas com menor necessidade de apoio, antigamente diagnosticadas com Síndrome de Asperger ou Autismo de Alto Funcionamento, com repertórios de comportamento verbal bem desenvolvidos e sem déficits cognitivos.

O estudo foi conduzido na sequência: I) Coleta e seleção de documento; II) Descrição dos dados específicos de interesse; III) Análise dos dados. Para realizar a seleção da documentação, os critérios de inclusão da amostra foram: a) publicações em português ou inglês; b) escritas por adultos autistas, exclusivamente; c) com referências à temática da sexualidade, demandas, necessidades e opiniões sobre o assunto; d) no formato de livros; e) publicadas entre os anos 2000 e 2020. A busca foi realizada a partir das palavras-chave “*autism AND sexuality*” e “*autismo AND sexualidade*”, na base de dados Web of Science, por meio do campo “book review”, no qual autores comentam os principais livros nas temáticas científicas de cada área.

Após a leitura completa do material selecionado para análise, foram extraídas as diretrizes indicadas como importantes em um programa de educação sexual voltado às pessoas autistas, organizadas em uma tabela de resultados. Por fim, a análise de dados consistiu em, partindo dos dados da literatura sobre aprendizagem de pessoas com TEA (HANNAH; STAGG, 2016; SOLOMON; PANTALONE; FAJA, 2019) e sobre educação sexual emancipatória (MAIA; RIBEIRO, 2011), descrever sugestões de estratégias interventivas.

Resultados

Foram encontradas resenhas com referências a quatro livros focados na sexualidade de pessoas autistas, em língua inglesa: “*The autism spectrum guide to sexuality and relationships: understand yourself and make choices that are right for you*” (GOODAL, 2016); “*The Autism Spectrum, Sexuality and the Law: What every parent and professional needs to know*” (ATTWOOD; HENAULT; DUBIN, 2014); “*Sexuality and Relationship Education for Children and Adolescents with Autism Spectrum Disorders: A Professional’s Guide to Understanding, Preventing Issues, Supporting Sexuality and Responding to Inappropriate Behaviours*” (HARTMAN, 2013); “*Autism/Asperger’s and sexuality: Puberty and beyond*” (NEWPORT; NEWPORT, 2002).

Dentre as quatro obras indicadas, somente uma possuía os requisitos indicados nos critérios de inclusão da amostra (NEWPORT; NEWPORT, 2002). O livro foi escrito por Jerry Newport, um norte-americano considerado referência na militância do TEA, especialmente por produzir materiais e palestras sobre suas experiências, apoiando autistas e seus familiares (LAIA; DANGELO, 2019) e sua esposa Mary Newport, que compôs importantes tópicos, especialmente sobre a dupla vulnerabilidade da mulher diagnosticada.

Para estabelecer as estratégias de educação sexual, a partir das diretrizes indicadas no material selecionado, foram considerados os princípios emancipatórios citados por Maia e Ribeiro (2011): 1) os programas devem contar com a aceitação e colaboração de todos os agentes educativos envolvidos; 2) a discussão sobre sua implementação deve ser ampla e integrar todos os envolvidos; 3) os objetivos devem corresponder às demandas dos participantes; 4) devem ser oferecidas capacitações aos educadores envolvidos; 5) dentre os recursos disponíveis, podem ser utilizados vídeos, dramatizações, dinâmicas, construções coletivas, exposições e discussões, artifícios simbólicos como fantoches, sempre embasados nos direitos sexuais.

Assim, no Quadro 1, apresentam-se estratégias para uma proposta de intervenção em educação sexual voltadas a adultos com TEA, a serem realizadas em sua maioria de maneira grupal, a partir das recomendações e diretrizes de Newport e Newport (2002), combinadas às indicações de Maia e Ribeiro (2011).

Quadro I - Estratégias para uma proposta de intervenção em Educação Sexual para adultos com TEA (continua)

Demandas indicadas em relatos de adultos autistas (NEWPORT; NEWPORT, 2002)	Estratégias de educação sexual emancipatória (MAIA; RIBEIRO, 2011)
1) Compreensão de que muitas das dificuldades sentidas por pessoas com TEA também o são por neurotípicos (como desafios da adolescência e relacionamentos na contemporaneidade)	Discussões de temas mais subjetivos, como este, podem ser realizadas por meio de construções coletivas. Pode-se iniciar com uma pergunta disparadora, como “Você conhece casais neurotípicos que têm dificuldades em seus relacionamentos?”. Depois, em pequenos grupos, os participantes discutiriam acerca do que conhecem e pensariam em exemplos, para em plenária geral apresentar suas conclusões. Ao final, com apoio dos mediadores, realizariam síntese de ideias por meio de uma frase – a qual, imagina-se, concluiria que relações são complexas e multideterminadas.
2) Observação de outras pessoas, em situações sociais, com relação ao que vestem, como se comportam, como se comunicam, e imitá-las (contextos de paquera, primeiros encontros).	Dramatizações podem ser recursos interessantes, onde membros dos grupos representam papéis ou sugerem ações aos colegas que estão atuando, sobre experiências amorosas e sexuais. Este exercício poderia ser enriquecido ao considerar relatos previamente coletados com os participantes, de situações vivenciadas por eles mesmos. Após descrição de um enredo inicial com situação-problema, seriam propostas perguntas na tentativa de encontrar soluções, como: “Luiz está interessado em uma colega de trabalho, mas não sabe como identificar se ela corresponde seu interesse. O que Luiz poderia observar mais atentamente?”. Espera-se que os membros do grupo proponham soluções a partir de suas múltiplas vivências e informações. No caso da não resolução da problemática, os mediadores poderiam intervir, demonstrando comportamentos socialmente habilidosos, explicando-os detalhadamente, e oportunizando que os participantes imitem, repitam, questionem e repliquem. Importante ressaltar que dramatizações podem não ser automaticamente generalizadas ao ambiente natural, de forma a ser tarefa dos mediadores planejarem formas para que isso ocorra (instruções claras, intervenções em ambientes cotidianos etc).
3) Adaptação a algumas regras sociais que parecem difíceis (como o mentir, em situações nas quais dizer a verdade magoaria o outro profundamente ou criaria grande prejuízo).	
4) Rastreamento de grupos de pessoas com interesses em comum, e engajamento em encontros e convivências com eles (especialmente na busca por parceiros amorosos, sexuais ou de amizade).	
5) Comunicação assertiva e interativa, demonstrando interesse e curiosidade sobre o próximo, dosando o uso do humor e da sinceridade e alternando entre assuntos sérios e descontraídos.	
6) Aceitação das negativas alheias.	
7) Respeito a pontos de vistas diferentes ou desejos sexuais que não sejam compatíveis (tanto em situações de interação comunicacional, quanto sexual)	O ensino da empatia é um desafio, já que além da complexidade de tal habilidade, são inúmeras as situações cotidianas nas quais ela é exigida. Como a generalização da aprendizagem pode ser mais difícil às pessoas com TEA, bem como a flexibilização de acordo com as condições impostas pela realidade, este ensino deve ser transversal, contínuo e retomado sempre que necessário. Uma estratégia possível seria análise de situações vivenciadas por meio de relatos ou <i>prints</i> de conversas, onde o grupo analisaria os comportamentos do participante, em interação natural, e apoiaria na expressão de como a outra pessoa possivelmente se sentiu após a interação.
8) Desenvolvimento de hábitos de higiene e contracepção.	Com protótipos de borracha de pênis e vulvas, os educadores demonstrariam ações diversas. Uma delas pode ser um passo a passo para higienização cotidiana, com regras como o sentido da limpeza da genitália para o ânus, uso de água e frequência de banhos. Outra seria escolher, comprar, utilizar e descartar métodos contraceptivos de barreira, indicando detalhadamente a sequência de ações manuais exercidas. Após a demonstração, seria essencial solicitar que os participantes explorassem os protótipos e realizassem autonomamente as ações demonstradas, sendo reorientados, caso necessário, com espaço para discussões e dúvidas posteriores.

(conclusão)

Demandas indicadas em relatos de adultos autistas (NEWPORT; NEWPORT, 2002)	Estratégias de educação sexual emancipatória (MAIA; RIBEIRO, 2011)
9) Moderação com relação a impulsos ou hábitos (como repetir a relação sexual excessivamente, insistir no comunicar-se por horas a fio sobre o mesmo hiperfoco ou falar sobre si mesmo insistentemente).	Para as habilidades que exigem observação atenta pode-se usar recursos audiovisuais, tais como filmes e séries, que têm como vantagem a oportunidade de analisar e reanalisar uma cena pelo grupo quantas vezes forem necessárias, e em velocidades mais pausadas. Cenas de interação, como conversas informais, podem ser úteis na identificação de sinais de tédio alheio em meio a uma conversa, ou sinais sutis que indicam o momento de falar e de ouvir, alternadamente. Após a identificação de tais sinais, os mediadores devem fornecer espaço para discussão, exercício e treino, já que a observação, exclusivamente, não será suficiente à generalização de tal habilidade para situações naturais.
10) Compreensão das fronteiras sociais, espaços que as pessoas precisam e os sinais que elas dão sobre isso.	
11) Leitura de sinais sociais (interesse amoroso ou sexual do outro, situações potencialmente perigosas, relacionamentos abusivos ou violentos).	
12) Valorização das características do TEA e abertura para vivências neuroatípicas da sexualidade	Construções coletivas como jornais, vídeos e estudos podem ser conduzidas para que as pessoas autistas reconheçam seus potenciais e defendam maneiras não normativas de vivenciar a sexualidade. Os resultados dessas construções podem ser compartilhados com a população em geral, na busca de maior compreensão coletiva sobre suas necessidades. Textos sobre neurodiversidade e sexualidade podem ser úteis nessas estratégias.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Discussão

As demandas sugeridas por Newport e Newport (2002) não representam, obviamente, questões sentidas por pessoas autistas em todo o espectro, e nem mesmo são homogêneas no subgrupo aqui abordado. Entretanto, a atenção aos relatos das pessoas em suas perspectivas propiciou o planejamento de intervenções cujos conteúdos foram respeitosamente escolhidos. Compreendendo que as relações com pares necessitam de apoio mediado para serem fortalecidas, e o potencial de autonomia que este tipo de intervenção possibilita, a maior parte das estratégias foi de caráter coletivo – o que não exclui a necessidade de atendimento individualizado a algumas pessoas.

Observa-se nas informações abordadas por Newport e Newport (2002), foco no ensino de habilidades comumente deficitárias às pessoas com TEA, sendo, entretanto, necessário frisar, que suas potencialidades e pontos positivos também devem ser abordados. Para Rosqvist (2014), a sexualidade de pessoas autistas é essencialmente referida como faltante, inadequada, diferente, já que comparada com as normativas neurotípicas, e é urgente a necessidade de abordar o assunto de maneira mais neurodiversa (ROSVIST, 2014). Assim, devem ser adicionados em programas interventivos, módulos para valorização de suas características, e espaços voltados

a um discurso positivo da sexualidade neuroatípica, tais quais as atividades citadas no Quadro 1.

Como apontado por Kim (2011), compreender a sexualidade autista significa entender o autismo, pois suas vivências, potencialidades e dificuldades perpassam intimamente o processo de desenvolvimento e aprendizagem. Neste sentido, a literatura indica as características essenciais em programas de intervenção voltados a esse público: uso de linguagem clara, direta, breve e concreta, com evitação de figuras de linguagem como metáforas e analogias (ou, sendo o caso, explicitação de seus significados); apresentação de informações acompanhadas de apoios visuais, como imagens ou vídeos; utilização de estratégias de resoluções de problemas reais e dramatizações, que se aproximam o máximo possível do que ocorrerá em seus cotidianos; embasamento em materiais didáticos concretos, como protótipos em tamanho real. Recomenda-se, ainda, que sejam realizados momentos em ambientes naturais, para facilitar a generalização do aprendizado, mas caso isso não seja possível, estratégias de *role-playing* podem ser úteis (SOLOMON; PANTALONE; FAJA, 2019).

Hannah e Stagg (2016) complementam a importância de considerar que a educação sexual é deficitária para todas as pessoas, autistas ou neurotípicas, e que os relacionamentos amorosos e sexuais representam desafios de forma global – especialmente no contexto

contemporâneo. Entretanto, as pessoas neurotípicas possuem recursos para compensar a ineficácia deste aprendizado por outros meios, como contato social com pares ou observação e imitação de situações coletivas, o que não costuma ocorrer com autistas, a não ser que sejam precisamente ensinados a fazê-lo. Neste sentido, um programa de educação sexual perpassa, necessariamente, pelo treino de habilidades sociais (SOLOMON; PANTALONE; FAJA, 2019), em que instruções claras sobre comportamentos que parecem óbvios ou “naturais” sejam fornecidas, como não encarar uma pessoa diretamente por longos períodos ou *stalkeá-la*.

O livro expressa um impasse comumente encontrado nas discussões sobre quais conteúdos devem ser abordados em programas de educação sexual para autistas: por um lado, há indicativos de ensino das habilidades que facilitariam a integração social, como desenvolvimento do contato visual; por outro, critica-se a escolha de tais conteúdos, indicando que a sexualidade deve ser vivenciada de modo neurodiverso, dentro das características típicas do TEA (MACKENZIE, 2018; ROSQVIST, 2014).

Um polo dessa discussão afirma que para estabelecer relacionamentos amorosos, sexuais e sociais em uma sociedade majoritariamente neurotípica, é necessário desenvolver repertórios comportamentais diversos (MOGAVERO; HSU, 2019). Outro polo demarca que fixar como correto e desejável a perspectiva neurotípica de viver, acentua o processo de exclusão do autista, desconsiderando seus modos de ser, descaracterizando-o e marginalizando-o (ROSQVIST, 2014).

Essa polarização representa, de certa forma, uma ampla e antiga discussão, na qual pondera-se qual seria a forma mais adequada de agir em prol da inclusão social: investindo nas pessoas com deficiência, para que se aproximem do normativo, ou modificando a sociedade, para que barreiras de todas as naturezas sejam suprimidas, e a diversidade humana amplamente aceita (MACKENZIE, 2018).

Embora possa parecer, à primeira vista, uma escolha paradoxal, é possível encontrar formas de pensar a realidade e atuar sobre ela que considerem, simultaneamente, ambas necessidades. O Paradigma de Suporte, descrito por Aranha (2001), indica que tanto é necessário que a sociedade se transforme para que a inclusão seja real, como devem ser oferecidos os aparatos necessários ao desenvolvimento particular do sujeito. Do mesmo modo, no movimento autista (SOLOMON, 2013), existe a possibilidade de defender o TEA como uma forma de ser, existir e expressar-se que necessita ser valorizada e reconhecida, ao passo que oferecidos serviços de intervenção diversos.

O livro de Newport e Newport (2002), especificamente, tem caráter instrutivo, a ponto de assimilar-se a um manual sobre como vivenciar a sexualidade em interação com a sociedade, de maneira integrada. Tomá-lo como referência não significa, neste caso, uma defesa de

que a educação sexual deva ser aplicada para moldar os sujeitos às normas sociais — que podem, muitas vezes, não lhes fazer sentido ou trazer sofrimento. Defende-se, por outro lado, que um programa interventivo respeitoso e inclusivo deve, em primeiro lugar, pautar reflexões sobre as normatividades neurotípicas acerca da sexualidade, para que o público-alvo possa escolher as habilidades e os conteúdos a serem abordados em seu processo educativo.

Como indicado anteriormente, deve haver espaço de expressão e escuta em que as pessoas com TEA possam ter suas características valorizadas, como humor, grande conhecimento em determinados assuntos e honestidade (GIRARDI; CURRAN; SNYDER, 2020). Da mesma forma, momentos para que falem sobre aspectos neurotípicos que podem lhes parecer estranhos ou incômodos, e contínua avaliação para registro da demanda particular e grupal, que se modifica ao longo do tempo.

Por fim, deve ser explicitado que, em nossa sociedade e cultura, a educação sexual acontece frequentemente de maneira indireta, silenciada ou permeada por sinais sutis e uso de linguagem metafórica, que dificultam imensamente o acesso ao conhecimento por parte das pessoas com TEA (VIEIRA, 2016). Assim, educadores e mediadores devem atentar-se ao fato de que a educação sexual aqui sugerida, clara, direta e menos “intuitiva”, além de inclusiva às pessoas autistas, pode ser melhor também ao público em geral.

Este estudo representa um direcionamento inicial para intervenções com adultos autistas, limitado devido ao fato de utilizar fontes indiretas de informações, apontando, portanto, o potencial de estudos futuros baseados em discursos coletados com o público-alvo referido, além de métodos que possam expandir a proposta, aplicando e mensurando a efetividade das práticas. Oferecer espaço para que a construção dos objetivos e estratégias de intervenções sejam baseados na visão das pessoas autistas é uma forma de garantir a centralidade delas em seu movimento, e seus direitos de escolhas em uma perspectiva que valorize suas características, necessidades e vivências.

Considerações finais

A educação sexual de pessoas autistas é uma ferramenta central na garantia de seus direitos, na diminuição da vitimização para violências, e apoio para vivências mais emancipatórias. A elaboração de programas, especialmente voltados a adultos com TEA, deve considerar suas particularidades e necessidades, adequando, portanto, a linguagem, para que seja mais clara e direta; os recursos, utilizando meios tangíveis, visuais e concretos; e atividades que permitam o exercício de resoluções para situações reais.

As sugestões de estratégias, descritas neste trabalho, abordaram essencialmente o trabalho em grupo, no qual além do exercício e discussão crítica sobre os déficits comuns a adultos autistas, propõe-se espaço para valorização de suas maneiras de ser. As atividades sugeridas foram baseadas nas demandas levantadas no livro de Newport e Newport (2002), evidenciando a importância de considerar seus relatos e perspectivas para a elaboração de programas interventivos.

Referências

- AMARAL, C. E. S. *O reconhecimento dos pais sobre a sexualidade dos filhos adolescentes com autismo e sua relação com a coparentalidade*. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 5 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2014.
- BAIO, J. et al. Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years - Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2016. *MMWR Surveill Summ*, v. 69, n. 4, p. 1-12, 2020.
- ATTWOOD, T.; HANAULT, I.; DUBIN, N. *The Autism Spectrum, Sexuality and the Law: What every parent and professional needs to know*. [London]: Jessica Kingsley Publishers, 2014.
- BROWN-LAVOIE, S. M.; VIECILI, M. A.; WEISS, J. A. Sexual Knowledge and Victimization in Adults with Autism Spectrum Disorders. *Journal of Autism Developmental Disorders*, v. 44, p. 2185-2196, 2014.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GIRARDI, A.; CURRAN, M. S.; SNYDER, B. L. Healthy Intimate Relationships and the Adult With Autism. *Journal of the American Psychiatric Nurses Association*, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1078390320949923>
- GOODAL, E. *The autism spectrum guide to sexuality and relationships: Understand yourself and make choices that are right for you*. [London]: Jessica Kingsley Publishers, 2016.
- HARTMAN, D. *Sexuality and Relationship Education for Children and Adolescents with Autism Spectrum Disorders: A Professional's Guide to Understanding, Preventing Issues, Supporting Sexuality and Responding to Inappropriate Behaviours*. [London]: Jessica Kingsley Publishers, 2013.
- KIM, E. Asexuality in disability narratives. *Sexualities*, v. 14, n. 4, p. 479-493, 2011.
- MACKENZIE, A. Prejudicial stereotypes and testimonial injustice: Autism, sexuality and sex education. *International Journal of Educational Research*, v. 89, n. 1, p. 110-118, 2018.
- LAIA, S.; DANIELO, R. T. D. Jerry newport, autista, em três livros. *Revista de la Red Universitaria Americana*, n. 2, p. 72-81, 2019.
- LINDOLPHO, D. M. P. et al. Autoadvocacia e empoderamento de pessoas com deficiência intelectual. In: PAPIM, A. A. P.; DI ROMA, A. F. (org.). *Os des/caminhos educacionais: desafios da diversidade e inclusão social na educação pública*. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 177-192.
- MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. *Doxa*, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.
- MOGAVERO, M. C.; HSU, K. Dating and Courtship Behaviors Among Those with Autism Spectrum Disorder. *Sexuality and Disability*, New York, v. 35, p. 355-364, 2019.
- NASCIMENTO, T. R. C.; BRUNS, M. A. T. A Família ea sexualidade de filhos(as) autistas: o que a literatura científica nacional oferece? *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 30, n. 1, p. 8-13, 2019.
- NEWPORT, J.; NEWPORT, M. *Autism-Asperger's & sexuality – puberty and beyond*. Arlington, Texas: Future Horizons, 2002.
- PECORA, L. et al. Sexuality and gender issues in individuals with autism spectrum disorder. *Child and Adolescent Psychiatric Clinics of North America*, v. 29, n. 3, p. 543-556, Apr. 2020.
- ROSQVIST, H. B. Becoming na “Autistic Couple”: Narratives of Sexuality and Couple hood Within the Swedish Autistic Self-advocacy Movement. *Sexuality and Disability*, New York, v. 32, 351-363, 2014.

SALA, G.; HOOLEY, M.; STOKES, M. A.
Romantic Intimacy in Autism: A Qualitative
Analysis. *Journal of Autism and Developmental
Disorders*, New York, v. 50, n. 11, p. 4133-4147,
Nov. 2020.

SOLOMON, A. *Longe da Árvore: pais, filhos e a
busca da identidade*. São Paulo: Companhia das
Letras, 2013.

SOLOMON, D.; PANTALONE, D. W.; FAJA, S.
Autism and Adult Sex Education: A Literature
Review Using the Information – Motivation
– Behavioral Skills Framework. *Sexuality and
Disability*, New York, v. 37, n. 3, p. 339-351,
Sept. 2019.

SOUZA, L. R. *Um estudo sobre a atuação
representativa nos conselhos dos direitos da pessoa
com deficiência*. 2016. Tese (Doutorado em
Educação e Contemporaneidade) - Universidade
do Estado da Bahia, Salvador, 2016.

VIEIRA, A. C. *Sexualidade e Transtorno do Espectro
Autista: relatos de familiares*. 2016. Dissertação
(Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION.
International Classification of Diseases (ICD-11).
2020. Disponível em: [https://www.who.int/
classifications/icd/en/](https://www.who.int/classifications/icd/en/). Acesso em: 01 out. 2020.